

## ALGUMAS ESTRATÉGIAS DE PERSUASÃO E DE SEDUÇÃO DO SUJEITO- COMUNICANTE VICTOR-HUGO

Ida Lucia Machado  
FALE/UFMG

### Introdução

Uma grande parte do que chamamos “texto de ficção” focaliza o homem e as relações sociais por ele mantidas com seus semelhantes em uma determinada época, mostrando, ao mesmo tempo, a visão que é então dada ao próprio fenômeno literário. Aqueles que se aventuram a realizar incursões nesse domínio, recebem – quer queiram ou não – uma imagem facetada que não é a de um pesquisador literário, mas, a de um lingüista-antropólogo, acompanhado de um psico-sociólogo. Este quarteto se interessará pela psicologia comportamental dos *seres de papel* (representações dos seres do mundo), pelo estudo das trocas languageiras que eles suscitam ou praticam, no interior de seu mundo. A AD procura, pois, em um mundo “contado”, marcas que mostrem as diferentes imagens ou máscaras sob as quais um autor pode apresentar sua obra ao seu leitor... Assim, no âmbito dessa disciplina, será mais interessante estabelecer uma discussão sobre os julgamentos psico-sócio-languageiros que um dado personagem faz sobre a sociedade de sua época que de se preocupar com a verossimilhança –ou não- do comportamento deste personagem<sup>1</sup>.

É preciso esclarecer, sem mais tardar, que, seguindo Maingueneau (1998:2), adotamos o ponto de vista de uma AD “*qui n’appréhende ni l’organisation textuelle en elle-même, ni la situation de communication, mais s’efforce de les associer intimement.*” Assim, o texto de Victor Hugo será por nós aqui analisado como um local languageiro onde ocorre uma atividade enunciativa, atividade esta ligada ao gênero “ficção”.

---

<sup>1</sup> Esta observação foi feita por Alain Robbe-Grillet (1963), quando o autor comentou o tratamento dado pela crítica literária ao personagem Julien Sorel, do romance *Le Rouge et le Noir*, de Stendhal.

Em outras palavras, o texto construído por Victor Hugo será por nós visto como uma instância privilegiada onde acontece uma troca comunicativa, tal troca estando inserida em um *contrato* sustentado por um *projeto de palavra* concebido pelo citado escritor.

Victor Hugo é um “monstro sagrado” da literatura francesa e ocidental e tanto sua biografia quanto sua obra já ofereceram e continuam a oferecer material para diferentes pesquisas. A atmosfera carismática que envolve o homem e o escritor está longe de esgotar. Pedimos, pois, ao nosso leitor para aceitar esta exposição apenas como mais uma das múltiplas abordagens possíveis oferecidas pelo autor Victor Hugo aos pesquisadores que se interessam por sua obra e por seu gênio.

### **1.O sujeito-comunicante Victor Hugo**

No título sugerido para esta intervenção, aparece o sintagma “sujeito-comunicante”. Tal expressão foi por nós encontrada, pela primeira vez, no livro *Langages et Discours* (1983) escrito pelo lingüista Patrick Charaudeau. Segundo suas teorias, os sujeitos enunciativos dos diferentes atos de linguagem que compõem um texto são, no mínimo, quatro. Eles se distribuem em dois circuitos: (i) o *circuito da palavra configurada*, onde estão os *seres de palavra* e (ii) o *circuito externo à palavra configurada*, onde se situam os seres empíricos, ou seja, os sujeitos da ação, capazes de organizar o mundo real em mundo linguageiro. Os quatro sujeitos, distribuídos dois a dois, ocupam dois espaços distintos: de um lado, vemos um sujeito-comunicante e um sujeito-interpretante que estão em um espaço ou circuito externo: é o espaço do *fazer*, onde os seres do mundo real vão “acionar” a palavra segundo a situação psico-sócio-comunicativa em que estão envolvidos. Do outro lado, temos a dupla sujeito-enunciador /sujeito destinatário, que ocupa um espaço interno ou, em outros termos, o espaço do *dizer*; são *seres de palavra* que personificam os protagonistas da enunciação. Assim, para produzir um enunciado ou um texto, o sujeito-

comunicativo organiza o mundo real em mundo de palavras, dando a palavra a um sujeito-enunciador que se dirige, sempre, a um sujeito-destinatário (ideal). Cabe ao sujeito-interpretante, ou leitor/ouvinte real, aceitar ou não o enunciado ou texto que daí resulta.

Nesse ponto de vista, Victor Hugo ocupa a posição de um sujeito-comunicante “dublado” por um sujeito-enunciador-narrador. O sujeito-comunicante refere-se ao homem que viveu diferentes papéis no século XIX, como todos já o sabem e entre eles, os papéis de grande escritor, *chef de file* do movimento romântico na França e o de político que defendia a liberdade e a democracia. Sintetizando, Victor Hugo, como sujeito-comunicante, é um homem que realmente existiu e que marcou seu século. Mas, enquanto escritor, ele deve ser visto “associado” a um sujeito-escritor-enunciador. Cabe enfatizar que, assim agindo, esse duplo sujeito não conservou uma certa “neutralidade” face aos acontecimentos de seu cotidiano. Como o diz Maingueneau (1993:28) “*l’écrivain nourrit son oeuvre du caractère radicalement problématique de sa propre appartenance au champ littéraire et à la société*”. Para o teórico em questão (*op.cit.*) o escritor não deve ser visto como uma espécie de centauro, um ser mítico, dividido entre a terra e as estrelas ou entre o real e o imaginário. Será melhor vê-lo como “*quelqu’un dont l’énonciation se constitue à travers l’impossibilité même de s’assigner une véritable place.*”

Assim, ao redigir sua obra, o sujeito-comunicante Victor Hugo “criou” um sujeito-narrador e o “influenciou”, transmitindo ao seu “duplo” ou ao seu “desdobramento” seus gostos e crenças. Nem completamente independente, nem completamente dependente do sujeito-comunicante: é assim que vemos esse sujeito enunciador ou narrador.

Acreditamos que Victor Hugo tinha um projeto de palavra mantido por duas intenções básicas: a de divertir o leitor e a de “despertá-lo”, fazendo com que ele tomasse consciência dos problemas políticos e sociais de seu tempo. Para colocar em prática seu *projeto de palavra* Victor Hugo legou ao seu sujeito-enunciador-narrador inúmeras estratégias discursivas; vamos examinar

algumas delas, antecipando que, para nós, todas são escoradas em dois fatores: a sedução e a persuasão.

## **2. O processo de captação do leitor: algumas ilustrações**

A AD não deve ser confundida com uma simples análise de textos ou o que seria pior, com uma análise de trechos de textos: um texto, no âmbito da AD, deve ser considerado com e dentro de seu contexto. No entanto, não nos é possível, por razões evidentes, transcrever aqui, por exemplo, os seis mil versos que constituem o “edifício” chamado *Les Châtiments* (1853) de Victor Hugo. Teremos que limitar nossa observação à apenas uma parte dessa “catedral”: escolhemos então, para ilustrar nossa apresentação, o poema intitulado *Souvenir de la nuit du quatre*. Ao fazer esse “corte” estamos adotando uma hipótese já levantada por Charaudeau (1983:154) segundo a qual o projeto de palavra de um escritor permite “*une mise en scène qui couvre l'ensemble de son ouvrage et, à la fois, se retrouve dans la moindre de ses parties.*” Vamos, pois, considerar o poema escolhido como uma espécie de sub-conjunto representativo da totalidade de *Les Châtiments*.

Em *Souvenir de la nuit du quatre*, podemos verificar uma inteligente encenação da palavra, efetuada pelo duplo sujeito comunicante e narrador. “Souvenir...” faz parte de uma obra engajada, militante, onde o sujeito-comunicante não esconde seu desprezo pelos tiranos nem seu amor pela República: em suma, ele aí expõe suas ideologias políticas. Victor Hugo constrói então um discurso que tem um objetivo comunicativo evidente, oriundo da intenção que o norteia e dirigido para a recepção que dele se espera obter. Tal discurso deve seduzir o leitor e mais que isso, convencê-lo do bem fundado das intenções políticas do autor.

Isso pode explicar o fato de que nele tenham sido empregadas tantas figuras de retórica: ao nosso ver, tais figuras aparecem em “Souvenir...” mais para convencer (seduzindo) o leitor que para “ornamentar” o discurso.

Mas, além das figuras empregadas em “Souvenir...”<sup>2</sup> há uma outra retórica que domina o texto, como um todo, já que este recebeu a forma de um poema: é a retórica do gênero “poético”, com suas características próprias. Victor Hugo não é a elas insensível, bem ao contrário: ele as emprega (sonoridades, “silêncios”), nelas introduzindo uma mensagem ou um apelo. “Souvenir...” é nuançado enquanto poema: nele o gênero poético abriga um sub-gênero, ou seja, o do poema-militante.

Ora, para que um poema desse sub-gênero tenha sucesso, é preciso que seu sujeito-comunicante saiba fazer uma sutil combinação de efeitos: queremos aqui destacar os efeitos de real que foram amalgamados aos efeitos de ficção.

Lembremos um pouco a história que deu origem ao poema. Trata-se da morte de um menino, durante a revolta popular ocorrida nas ruas de Paris, devido ao golpe de Estado de 1851, na França. O menino foi morto na noite de 04 de dezembro de 1851. Seu nome de família era Boursier. Hugo e alguns de seus colegas deputados tentavam na ocasião, organizar uma espécie de “resistência popular” ao golpe. Foi então que assistiram à morte do garoto.

Compondo “Souvenir...”, Victor Hugo desempenha um dos múltiplos papéis que exerceu enquanto sujeito-comunicante: no caso, o papel de um jornalista que conta ou escreve sobre um

---

<sup>2</sup> Ver por exemplo, em “Souvenir...”, as metáforas: « la mort noyait son oeil farouche » (verso 6) ; « Avez-vous vu saigner la mère dans les haies ? » (verso 10) ; « Hélas ! Ce que la mort touche de ses mains froides/ Ne se réchauffe plus aux foyers d’ici-bas ! » (versos 21-22) e esta comparação : « Monsieur, il était bon et doux comme un Jésus » (verso 36) ; observar também a ironia (aqui representada pela antífrase) nos versos 51,52,54 et 55 por nós sublinhados : « Monsieur Napoléon, c’est son nom authentique./Est pauvre, et même prince ; il aime les palais ;/ Il lui convient d’avoir des chevaux, des valets,/ De l’argent pour son jeu, sa table, son alcôve,/ Ses chasses ; par la même occasion, il sauve/ La famille, l’église et la société ; »

*fait divers*. Entretanto, o jornalista, ainda que consciente de que deveria transmitir ao leitor uma visão realista dos fatos, se desdobra em poeta, com a verve que lhe era habitual.

Na mecânica de fabricação desse relato vemos um outro procedimento retórico que Victor Hugo domina muito bem, ou seja, o de combinar aspectos narrativos com aspectos descritivos. Em termos semiolinguísticos (Charaudeau, 1992), trata-se de saber combinar diferentes *modos de organização do discurso*, isto é, o enunciativo, o narrativo e o descritivo; o resultado disso, transposto para a escritura, nos lembra o trabalho do operador de uma câmera cinematográfica...

*“L’enfant avait reçu deux balles dans la tête./ Le logis était propre, humble, paisible, honnête;/ On voyait un rameau bénit sur un portrait./ Une vieille grand-mère était là qui pleurait.”*

Este começo de texto nos permite levantar uma hipótese sobre o ponto de vista do sujeito-narrador. Sem empregar o pronome “je”, tal sujeito conta o que sabe sobre a subjetividade de um personagem que ele conhece bem (o sujeito-comunicante, o homem-político Victor Hugo) face à cena. É preciso notar o contraste obtido pela trágica descrição dos seres humanos, atores do drama (sobretudo o menino morto e sua avó) e a tranqüila descrição da casa onde a ação se desenrola.

A câmera, isto é, o olho do sujeito-narrador e de seus companheiros se mantém, a princípio, na porta da casa. Nela vão entrar devagarzinho:

*“Nous le déshabillons en silence.”* (verso 5)

Em todo o poema verifica-se esse movimento “cinematográfico” que passa da descrição dos objetos, dos recantos da sala às emoções dos personagens, chegando finalmente às reflexões íntimas do duplo sujeito: é então aí que a ironia aparece em toda sua grandeza:

«Vous ne compreniez point, mère, la politique./ Monsieur Napoléon, c’est son nom authentique,/Est pauvre, et même prince ; il aime les palais ;/ Il lui convient d’avoir des chevaux, des valets,/ De l’argent pour son jeu, sa table, son alcôve,/ Ses chasses ; par la même occasion, il sauve/ La famille, l’église et la société ;/Il veut avoir Saint-Cloud plein de roses l’été ;/Où viendront l’adorer les préfets et les maires ;/

C'est pour cela qu'il faut que les vieilles grand-mères,/ De leurs pauvres doigts gris que fait trembler le temps,/ Cousent dans le linceul des enfants de sept ans. »

No presente caso, a ironia entra no circuito da paródia: o que é oferecido ao julgamento e à apreciação do leitor nos versos acima citados, é a descrição paródica de um governo sem valor algum, onde o cidadão francês Louis-Napoléon Bonaparte, eleito presidente da República em dezembro 1848, torna-se imperador do dia para a noite, através de um golpe de Estado (02 de dezembro de 1851).

Hugo consegue assim, em apenas onze versos, por meio da paródia, desvelar ao leitor os primeiros efeitos do referido golpe. Seu procedimento é o de todo sujeito-comunicante-parodista: toma um conjunto languageiro contendo uma história já conhecida, desmonta este conjunto e constrói um outro, a partir do primeiro.

Devemos enfatizar que a paródia hugoliana é realçada pela fineza de uma ironia presente não somente na ironia pela antífrase, mas também pela ironia obtida pelo amálgama de dois conjuntos languageiros opostos, assim constituídos : (i) a tragédia de um povo humilhado, personificada aqui pela figura emblemática da avó (a República) *versus* (ii) a “grandeza” do Imperador. Na associação destes dois conjuntos distintos e, no entanto, complementares (desgraça do povo X fortuna dos usurpadores) a ironia se instala.

### **Algumas palavras para concluir...**

Nosso sujeito-comunicante assume assim três papéis ou três diferentes vozes: (i) a de um narrador-relator-testemunha de sua época; (ii) a de um narrador-historiador; (iii) a de um narrador-parodista.

São essas vozes que trabalham, em uníssono, para a captação do leitor. Ora, para levar tal trabalho a cabo imaginamos que o sujeito-comunicante teve que: produzir um texto onde

predominasse um tom “sério” e mesmo trágico, tocando às raias do patético; produzir um texto que desse prazer ao leitor (a escolha do gênero poético) e, sobretudo, buscar ser enfático com esse leitor, diretamente interpelado pela presença do pronome “vous” :

“Avez-vous vu saigner la mûre dans les haies?” (verso 10)

Quisemos mostrar, nesta exposição, que a AD pode fornecer pistas para a abordagem do texto de ficção como se este fosse um texto comunicativo; para tanto, evidentemente, é preciso ver o texto de ficção como um lugar privilegiado de construção de sentidos e de trocas comunicativas onde as subjetividades e as emoções do sujeito-escritor se deixam entrever.

Tivemos que restringir nossos exemplos a um só caso; no entanto, não será difícil para o leitor encontrar na obra de Victor Hugo, certos *clins d’oeil* que tornam evidente a ideologia política e as intenções comunicativas de um homem que amava a liberdade e a República, na mesma medida em que odiava aqueles que faziam pouco desses valores.

### **Referências bibliográficas**

CHARAUDEAU, Patrick. *Langage et discours*. Paris, Hachette, 1983.

CHARAUDEAU, Patrick. *Grammaire du sens et de l’expression*. Paris, Hachette, 1992.

MAINGUENEAU, Dominique. *Le contexte de l’oeuvre littéraire*. Paris, Dunod, 1993.

MAINGUENEAU, Dominique. *Analyser les textes de communication*. Paris, Dunod, 1998.

### **ANEXO I - Souvenir de la nuit du quatre**

L’enfant avait reçu deux balles dans la tête.//Le logis était propre, humble, paisible, honnête ;//On voyait un rameau bénit sur un portrait.//Une vieille grand-mère était là qui pleurait.//Nous le déshabillions en silence. Sa bouche,//Pâle, s’ouvrait : la mort noyait son oeil farouche ;// Ses bras pendants semblaient demander des appuis.// Il avait dans sa poche une toupie en buis.// On pouvait mettre un doigt dans les trous de ses plaies.// Avez-vous saigner la mûre dans



les haies ?// Son crâne était ouvert comme un bois qui se fend.//L'aïeule regarda déshabiller l'enfant, // Disant : - Comme il est blanc ! approchez donc la lampe.// Dieu ! ses pauvres cheveux sont collés sur sa tempe ! //Et quand ce fut fini, le prit sur ses genoux.// La nuit était lugubre ; on entendait des coups// De fusil dans la rue où l'on tuait d'autres.// -Il faut ensevelir l'enfant, dirent les nôtres.//Et l'on prit un drap blanc dans l'armoire en noyer.// L'aïeule cependant l'approchait du foyer,// Comme pour rechauffer ses membres déjà roides.// Hélas ! ce que la mort touche de ses mains froides// Ne se réchauffe plus aux foyers d'ici-bas !// Elle pencha la tête et lui tira ses bas, //Et dans ses vieilles mains prit les pieds du cadavre.// « Est-ce que ce n'est pas une chose qui navre !// Cria-t-elle ; monsieur, il n'avait pas huit ans !// Ses maîtres, il allait en classe, étaient contents.// Monsieur, quand il fallait que je fisse une lettre,// C'est lui qui l'écrivait. Est-ce qu'on va se mettre// A tuer les enfants maintenant ? Ah ! Mon Dieu !// On est donc des brigands ? Je vous demande un peu, // Il jouait ce matin, là, devant la fenêtre !// Dire qu'ils m'ont tué ce pauvre petit être !// Il passait dans la rue, ils ont tiré dessus.// Monsieur, il était bon et doux comme un Jésus.// Moi je suis vieille, il est tout simple que je parte ;//Cela n'aurait rien fait à monsieur Bonaparte// De me tuer au lieu de tuer mon enfant ! »//Elle s'interrompit, les sanglots l'étouffant,//Puis elle dit, et tous pleuraient près de l'aïeule ://« Que vais-je devenir à présent, toute seule ?// Expliquez-moi cela, vous autres, aujourd'hui.// Hélas ! je n'avais plus de sa mère que lui.// Pourquoi l'a-t-on tué ? Je veux qu'on me l'explique.// L'enfant n'a pas crié vive la République. »// Nous nous taisions, debout et graves, chapeau bas,//Tremblant devant ce deuil qu'on ne console pas.//Vous ne compreniez point, mère, la politique.// Monsieur Napoléon, c'est son nom authentique,// Est pauvre, et même prince ; il aime les palais ;// Il lui convient d'avoir des chevaux, des valets,//De l'argent pour son jeu, sa table, son alcôve,//Ses chasses ; par la même occasion, il sauve//La famille, l'église et la société ; // Il veut avoir Saint-Cloud plein de roses l'été,//

Où viendront l'adorer les préfets et les maires ;//C'est pour cela qu'il faut que les vieilles grand-mères,//De leurs pauvres doigts gris que fait trembler le temps,//Cousent dans le linceul des enfants de sept ans.